

O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DO PROFESSOR E A PROPOSTA DO LD

Laurênia Souto Sales; Joaz Silva de Melo; Leandro da Silva Ramos

Universidade Federal da Paraíba. laureniasouto@gmail.com

Resumo: O ensino de literatura é fundamental para a formação do ser humano, sobretudo para seu aprimoramento ético e intelectual, no entanto, muitas vezes, não é assim que esse ensino parece ser visto. Em relação ao texto poético, especificamente, quase duas décadas após a publicação do Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), que orientam que a poesia deve ser trabalhada nas salas de aula do Ensino Fundamental como uma ferramenta de construção de sentidos, ainda nos deparamos com aula e livros didáticos que pouco exploram aspectos relacionados ao ludismo, à sonoridade, à riqueza da linguagem figurada e às imagens simbólicas, reservando espaço para uma abordagem superficial, com mero efeito decorativo ou servindo de pretexto para alguma análise gramatical. Diante disso, nesta pesquisa, nos propusemos a averiguar qual a importância que o professor do ensino fundamental atribui ao ensino da literatura poética em sala de aula, bem como a analisar qual a visão da docente sobre a proposta do livro didático adotado na escola para o trabalho com a poesia. Para tanto, fundamentamos nossas leituras nos estudos desenvolvidos por Pinheiro (2002), Lajolo (2008), Zilberman (2003), Cosson (2009) e Candido (2011). O corpus da pesquisa foi constituído a partir da aplicação de um questionário com uma professora do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Mamanguape-PB. Os resultados da análise apontam para o reconhecimento da importância do trabalho com o texto poético para a formação do indivíduo, ao mesmo tempo em que há também o reconhecimento de que não se dá a devida atenção ao ensino da literatura nesse nível escolar.

Palavras chave: ensino de literatura, poesia, livro didático.

1. INTRODUÇÃO

Em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática*, Rildo Cosson (2009) trouxe à baila um fato ocorrido em uma turma do curso de Pedagogia e que nos faz refletir sobre o atual ensino de literatura no Brasil. De acordo com o autor,

Durante uma aula de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa no curso de Pedagogia, um aluno questionou a presença da literatura no ensino médio dizendo que os professores só ensinavam as características dos períodos literários, o nome dos autores e das obras, em uma sequência que poderia ser mais facilmente oferecida pela História. (COSSON, 2009, p. 19)

Esse dado levantado pelo graduando e apresentado por Cosson nos leva a refletir seriamente sobre o ensino da literatura não apenas no ensino médio, mas na educação básica como um todo, pois entendermos que a literatura é uma área riquíssima, principalmente em profundidade significativa, e não pode ser resumida apenas ao ensino de sua história; se constatamos essa situação, então precisamos rever a metodologia de ensino da literatura na escola. Além do fato relatado por Cosson, também temos os casos em que a literatura é utilizada apenas para o ensino de gramática, ou para superficiais interpretações de texto. E se ela não é apresentada de modo adequado na escola, logo podemos pensar que pode se tratar de algo dispensável à formação do cidadão; porém, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento oficial que norteia o ensino da literatura na escola, revelam a importância que deve ser dada ao texto literário. Vejamos:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26)

Fica claro, assim, que o texto literário não é mera forma estética nem mera fantasia, mas tem um significado profundo e utilidade que, se o professor não tiver o devido cuidado, pode acabar se perdendo no âmbito do ensino de questões outras. Candido, estudioso da área, em vários momentos já saiu em defesa da literatura: “Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é um fator indispensável de humanização.” (CANDIDO, 2011, p. 175). E humanização é algo realmente necessário ao nosso tempo, em que assistimos diariamente a tristes cenas de desumanização na/da sociedade; em sendo assim, precisamos rever a importância que atribuímos à leitura do texto literário, seu uso e abordagem na educação básica.

Ora, se pela grande área de conhecimento e cultura que chamamos de literatura já sentimos uma certa desconsideração, devido ao que vem sendo proposto em sala de aula, quando afunilamos um pouco a visão e chegamos, especificamente, à poesia, então, sim, vemos que o fazer pedagógico da sala de aula pode estar ainda mais prejudicado, sem a possibilidade de nenhuma reflexão ou análise aprofundada do texto. Dizemos isso com base nos estudos realizados pelo pesquisador e defensor da poesia em sala de aula, Hélder Pinheiro, para quem:

De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula. Mesmo depois da massificação da literatura infantil e juvenil, não tivemos em produção, nem trabalho efetivo com a poesia. Os problemas relativos à aplicação da poesia são inúmeros e diversos. (PINHEIRO, 2002, p. 13)

A afirmação de Pinheiro nos remete a outras discussões na área da literatura que apontam para o fato de que, por mais precário que seja o ensino de literatura na escola, ainda assim a prosa é mais utilizada que a poesia, que enfrenta grande escanteamento e desutilização no fazer da sala de aula. Nesse sentido, frente à necessidade de se dar maior visibilidade ao trabalho (melhor e mais proveitoso) com a poesia na escola, nos propusemos, neste artigo, a averiguar qual a importância que o professor do ensino fundamental atribui ao ensino da literatura poética em sala de aula, bem como analisar qual a visão da docente sobre a proposta do livro didático adotado na escola para o trabalho com a poesia. Para tanto, aplicamos um questionário com uma professora do 9º ano de uma escola do município de Mamanguape/PB.

É importante destacar que, assim como o caso apresentado por Cosson, no início desta introdução, esta pesquisa surgiu de momentos de diálogo em uma sala de aula da disciplina Estágio Supervisionado I, do curso de Letras do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), quando relatávamos o fazer docente nas escolas observadas. Assim, trata-se de uma reflexão inicial sobre a problemática proposta, que será fundamentada a partir dos estudos de Pinheiro (2002), Lajolo (2008), Zilberman (2003), Cosson (2009) e Candido (2011).

2. TRABALHAR A POESIA, POR QUÊ?

O grande crítico literário Antonio Candido (2011), em sua obra *Direito à Literatura*, defende a tese de que a literatura é direito inerente à humanidade, tal qual lhe é direito o alimento diário que lhe dará condições de sobreviver: “São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.” (CANDIDO, 2011, p. 174). E ainda complementa: “Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.” (p. 174). A literatura cumpriria, assim, o papel de um sonho acordado, que não importa como chega até nós ou qual sua forma, importa simplesmente o fato de que nos permite a fantasia, a fabulação, e, conseqüentemente, a fuga do mundo real, tão necessária a todos nós.

Perguntamo-nos, no entanto: se se trata de um direito do indivíduo, qual o espaço garantido na sociedade para o contato com a literatura? A resposta: a escola. Mas como a literatura tem sido abordada no fazer pedagógico de sala de aula? Ora, tratando, especificamente, da poesia, tema deste trabalho, retomamos o que diz Pinheiro (2002): a poesia é pouco prestigiada em sala de aula; não há um trabalho efetivo com a poesia; são diversos os problemas de aplicação da poesia na sala de aula.

Esse autor, no entanto, não apenas apresenta os problemas relacionados ao fazer pedagógico com a poesia, como também aponta caminhos, condições essenciais para um bom trabalho com o texto poético na escola, dentre as quais destacamos: “que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, o que não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa” (PINHEIRO, 2002, p. 22). Ou seja, somente um professor leitor pode encontrar motivações para não se resignar, por exemplo, a uma proposta de livro didático para a poesia que não condiga com um letramento literário efetivo, que possibilite a formação leitora. Práticas mecânicas de abordagem do texto literário, especialmente da poesia, não conduzem a uma aproximação entre o jovem leitor – referimo-nos aqui aos alunos do ensino fundamental, público alvo desta pesquisa – e o texto poético.

Em meio à responsabilidade da escola com a literatura, nos deparamos com aulas de língua portuguesa que priorizam o ensino da normas gramaticais, em detrimento da abordagem do texto literário, muitas vezes escanteando o literário a segundo, terceiro planos. Este seria apenas um dos problemas, outro é o processo de escolarização que a literatura sofre na escola. Conforme salienta Magda Soares (1999, p. 20):

“Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar *não* é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.”

Como podemos observar, a autora é enfática ao afirmar que o problema é inadequada escolarização da literatura. Ou seja, o que não se pode é estabelecer, por exemplo, um ritual de leitura para os textos literários que deixe priorizar a função humanizadora da literatura, a autonomia do leitor; o que não se pode é impedir que os objetos culturais que existem fora dos muros escolares deixem de se ser inseridos no fazer pedagógico do professor e devidamente apreciados pelos alunos,

de modo a contribuir para uma formação leitora que desperte no aluno o desejo de ler, que o transforme em um leitor.

É necessário, portanto, que a escola desenvolva um conjunto de metodologias apropriadas à leitura do texto literário, não se limitando ao livro didático. A esse respeito, os PCN (1998, p. 27) assim orientam:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Estabelecendo uma ponte com o uso do livro didático em sala de aula, as orientações dadas pelos PCN nos levam a compreender que esse livro pode se constituir um instrumento de trabalho do professor, mas que precisa ter suas atividades apreciadas antes de serem aplicadas em sala de aula, a fim de causar um desserviço à formação leitora, sendo um entrave à fruição na leitura e à formação do gosto literário.

No que tange ao objeto de nosso estudo – a poesia –, em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (2008), Marisa Lajolo tece algumas críticas sobre o trato que o livro didático oferece à poesia. Para exemplificar, ela apresenta uma atividade de um livro didático sobre o poema “O vestido de Laura”, de Cecília Meirelles, que trabalha com questões do tipo: “Cubra e complete: [...] Escreva os versos da poesia de acordo com os desenhos:”. Para essa autora:

Observa-se que o compromisso das atividades sugeridas é com elementos exteriores e secundários ao poema: não trabalham com estruturas internas e transformam a leitura numa atividade reprodutora e repetitiva, em tudo homóloga às funções que a escola, como instituição social, tende a cumprir. (LAJOLO, 2008, p. 50)

Essa crítica pode se estender a todos os livros didáticos que utilizam o texto poético como pretexto para se trabalhar aspectos secundários e de fora do sentido do poema, na maioria das vezes a gramática. A esse respeito, diz Zilberman (2003):

O tipo de ensinamento que propicia – de regras lingüísticas ou informações a respeito da história literária - apenas adquire sentido no futuro, quando o estudante eventualmente precisar dele, no exame de vestibular, em um concurso ou na redação de um ofício de requerimento. [...] esse fatores convertem o livro didático

no avesso da leitura [...] acaba por exercer um efeito que embacia a imagem que a prática da leitura almeja alcançar. (ZILBERMAN, 2003, p. 35)

Ao tecer críticas ao tratamento dado ao texto literário pelos livros didáticos, a autora demonstra preocupação com aspectos que não contribuem para o entendimento do texto em toda a sua significância, e certamente espera que esse quadro seja revertido em prol de uma formação leitora que contribua para ampliar a cultura de de leitura literária dos alunos.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada caracteriza-se como de natureza qualitativa e interpretativista, uma vez que o objetivo visado não foi o de delinear amostras representativas, mas o de compreender os significados construídos pelos sujeitos participantes da pesquisa, a partir da análise de seu discurso.

Para a constituição do corpus, foi aplicado um questionário com uma professora de Língua Portuguesa de uma escola do município de Mamanguape-PB, a fim de averiguarmos qual a importância que o professor do ensino fundamental atribui ao ensino da literatura poética em sala de aula, bem como a analisar qual a visão da docente sobre a proposta do livro didático adotado na escola para o trabalho com a poesia.

O livro didático adotado na escola e citado pela docente, no questionário, foi *Diálogos em Gêneros*, da autoria de Beltrão e Gordilho (2013). Foram feitos à docente, alguns questionamentos: (1) Você considera importante o ensino de poesia na escola? Por quê?; (2) Qual o livro didático adotado em sua escola? Ele contribui para trabalhar a poesia em sala de aula?; (3) No planejamento escolar, é contemplado o trabalho com a poesia em sala de aula? Caso a resposta seja positiva, você concorda com o planejamento feito ou proporia mudança a esse respeito?; (4) Você se considera leitora de poesia?.

Na próxima sessão, discutimos as respostas da professora aos questionamentos feitos e analisamos a proposta de trabalho com poesia apresentada pelo livro didático de Beltrão e Gordilho (2013).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vejamos, seguir, as respostas da professora aos questionamentos feitos pelos pesquisadores. Por uma questão de sistematização da análise, apresentaremos o conjunto de perguntas e respostas e, na sequência, discutiremos os dados obtidos.

Pesquisador: Você considera importante o ensino de poesia na escola? Por quê?

Professora: *Sim, a poesia desperta sentimentos incomuns no ser humano. O aluno pode despertar assim para o prazer do ler.*

Pesquisador: Qual o livro didático adotado em sua escola? Ele contribui para trabalhar a poesia em sala de aula?

Professora: *Diálogo em Gêneros. Contribui um pouco, já que trata muito estrutural, gramatical a parte poética.*

Pesquisador: No planejamento escolar, é contemplado o trabalho com a poesia em sala de aula? Você concorda com o planejamento feito ou proporia mudança a esse respeito?

Professora: *Não. Deveria ser abordado de forma mais ampla visando o conteúdo e a mensagem e não apenas a estrutura.*

Pesquisador: Você se considera uma pessoa leitora de poesia?

Professora: *Não.*

Ao analisarmos os dados, verificamos que, ao longo das respostas, a professora revela que considera importante o trabalho com a poesia na escola, inclusive, com a afirmação (e não possibilidade) de que a poesia sensibiliza o ser humano, e, com isso, pode despertar o sujeito para o prazer de ler.

Quando questionada sobre o livro didático adotado na escola, a referida docente não demonstra satisfação com o mesmo, revelando que sua contribuição para o trabalho com a poesia em sala de aula é “pouco”. A justificativa da professora diz respeito, especificamente, ao fato de que, nesse livro, a poesia é abordada basicamente sob o viés estrutural – que diria respeito ao estudo dos aspectos formais/estruturais do poema, como estrofes, métrica, rimas, ritmo etc. –, e sob o viés gramatical, possivelmente referindo-se à utilização do poema para o estudo de questões gramaticais.

Na sequência, a professora afirma que, ao ser feito o planejamento escolar, não há um espaço para discutir como abordar a poesia na sala de aula. Ao mesmo tempo, apresenta uma sugestão para se fazer tal abordagem: o professor não deve se restringir ao estudo da estrutura do poema, é preciso que ele se dedique a algo mais amplo, o conteúdo e mensagem do poema.

Até esse momento, vimos observando o quanto essa professora apresenta um posicionamento que defende um melhor tratamento da poesia nas aulas de língua portuguesa, inclusive tecendo críticas ao livro didático, quando este propõe atividades sobre o tema. No entanto, ao responder a última questão proposta: “Você se considera uma pessoa leitora de poesia?”, a docente é bastante sucinta e precisa em sua resposta: “Não.”.

De imediato, essa resposta nos conduziu ao que diz Pinheiro (2006), já citado anteriormente, ao tratar de uma das condições que considera indispensável ao trabalho com a poesia: “que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura. Por experiência significativa não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa.”.

Ora, depreendemos claramente da resposta da docente que não temos uma leitora de poesia. Mas com base em quê, então, ela vem tecendo as críticas ao livro didático, por exemplo? Será que está orientada pelos diversos artigos científicos e capítulos de livro, e assim assume um discurso, fundamentado em pesquisas, que foi se estabilizando na sociedade: a abordagem da poesia não acontece de modo adequado nem nos livros didáticos nem na prática de sala de aula?

O que se sabe é que essa docente necessita ter uma experiência pessoal de leitura da poesia para que consiga fazer uma boa seleção dos poemas a serem levados para a escola, e assim possa transmitir aos alunos uma experiência que, embora intransferível, é possível de ser sentida quando é passada de forma significativa.

Outra questão que nos chamou atenção, ao avaliarmos as atividades propostas para o trabalho com a poesia, foi o fato de que o livro didático adotado na escola não se restringe, como afirmou a professora, ao estudo de aspectos estruturais, gramaticais. O manual apresenta as atividades com poemas divididas em três partes: “O texto”, “A construção” e “A linguagem”. Cada ala analítica se divide entre seis e sete questões para o trabalho com o texto e seis questões para o estudo de aspectos estruturais e linguísticos. Em relação aos poemas *O poeta e a Rosa* (MORAES, 1991) e *Não há vagas* (GULLAR, 1991)), são propostas questões do tipo:

- ✓ Segundo o texto, qual deveria ser o papel do poeta e da poesia em geral?
- ✓ O que, na verdade, pensa o eu lírico ao dizer que isso não cabe no poema?
- ✓ Quantas estrofes e versos há no texto? Os versos são curtos ou longos?
- ✓ Por que a palavra “senhores” está entre vírgulas?

Conforme podemos observar, nas questões propostas para o trabalho com poesia no livro didático, é possível sim trabalhar o conteúdo do poema, a linguagem e também aspectos estruturais. Isto é, com a experiência leitora da professora – se houvesse –, seria possível que ela partisse das situações levantadas sobre o poema e trouxesse outras mais para discussão. Seria possível, ainda, buscar estabelecer relações entre a linguagem da poesia, os aspectos estruturais e os sentidos que podem ser atribuídos ao texto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura deve, inevitavelmente, estar presente na sala de aula e, no trato com a poesia, a ela deve ser dada atenção diferenciada, pois o modo como o professor apresenta o poema ao aluno pode contribuir para a aproximação ou distanciamento em relação ao gênero.

No caso em estudo, pudemos perceber que, embora reconheça a importância do trabalho com a poesia em sala de aula, a docente não revelou ser leitora do gênero, e isso pode levar a dificuldades no tratamento do texto poético. Considerando a proposta do livro didático, entendemos que a professora pode ter se limitado a reproduzir uma crítica comum à abordagem da poesia, sem, no entanto, ter feito a devida avaliação do manual.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.

CANDIDO, A. **Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2011.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: Idéia, 2002.

SOARES. M.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.).

Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed., 2a. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura: velha crise novas alternativas**. São Paulo: Global, 2003.